

190

## Maniqueísmo

No início dos anos 70, em pleno governo Médici, o então presidente da Funai, general Bandeira de Mello, fez uma viagem até o Parque do Xingu, na esperança de convencer os índios xavantes a permitirem a construção de uma estrada atravessando sua reserva. Trocou espelhos, pentes e outras bugigangas com os caciques locais e disse que estava ali para ajudá-los, já que o governo, agora, pensava nos índios.

Quase 30 anos depois, uma cena semelhante se repetiu na Esplanada dos Ministérios. Na última quarta-feira, o ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, ao assinar um acordo com os caiapós, do sul do Pará, disse-lhes que, se no passado os índios foram prejudicados "por pessoas más, a partir de agora pessoas boas estariam dispostas a ajudá-los". Essa avaliação maniqueísta de Sarney Filho, além de repetir a velha tradição paternalista no relacionamento entre brancos e índios, não corresponde inteiramente à realidade.

Afinal, o objetivo desse acordo inédito entre o Ministério do Meio Ambiente e os caiapós, além de colocar um ponto final numa briga histórica entre o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e a Fundação Nacional do Índio (Funai), visou, sobretudo, melhorar a imagem do Brasil no exterior. Desde o governo João Figueiredo (1981), e estimulados pela Funai, os caiapós fizeram da derrubada de árvores nobres, como o mogno, um meio de vida. Com esse comércio em suas reservas, os índios tinham dinheiro, compravam aviões e bens de consumo, recusando-se a procurar outros meios de sobrevivência. E o Governo, com uma Funai cada dia mais destituída de recursos, lavava as mãos.

Mas os tempos mudaram e com a pressão internacional, o Ibama teve de entrar em cena, proibindo o comércio ilegal do mogno e exigindo a defesa do meio ambiente. E os índios, naturalmente, tiveram e ainda têm dificuldades em compreender essa mudança na política governamental.

Para o dirigente do Instituto Sócio-Ambiental (ISA), Márcio Santilli, os caiapós não devem esperar sentados pela ajuda do Governo, mesmo porque não ficou claro, no acordo, que projetos serão criados para substituir a retirada do mogno e do ouro, uma prática que dura 18 anos.

Sem recursos e sem propostas, não será fácil para a Funai manter os índios afastados da ex-

tração da madeira. E, pior que isso, Sarney Filho, terá de usar toda sua habilidade política para distinguir, junto aos índios, os homens "bons" dos "maus", citados em seu discurso.